Do cinza ao verde

A gestão ambiental se transforma em uma nova dimensão para medir a competitividade das cidades. Isso é o que indica a nova edição do ranking das melhores cidades para fazer negócios na América Latina.

Hoje, já não há o que discutir a respeito: o manejo de estratégias de sustentabilidade é cada vez mais importante para as empresas que desejam ganhar mercados. Respeitar o meio ambiente é requisito tanto para ter acesso a grandes redes de supermercado nos EUA e Europa quanto para cotizar em certos mercados de capitais. Reduzir emissões de CO2 gera receitas através de créditos de carbono e desenvolver tecnologias ecológicas atrai capitais inclusive em meio à crise.

E o que é verdade para as empresas também é válido para as cidades que as hospedam. Ou seja, estas se tornam mais competitivas na medida em que melhoram sua gestão ambiental. Isso porque uma urbe pode ser vista como um centro de fornecimento de elementos imprescindíveis para a sobrevivência das empresas: espaço físico, recursos humanos, leis e regras, acesso a energia elétrica entre outros temas de infraestrutura. Prover esses elementos com uma gestão urbana sustentável será cada vez mais relevante para as cidades que desejam atrair investimentos - inclusive enquanto persistirem as companhias que optam por localizar-se em capitais com fracas normas ambientais.

Por isso, esta nova edição do ranking das Melhores Cidades para Fazer Negócios na América Latina inclui um índice de sustentabilidade ambiental. Para medi-lo, usamos uma combinação de atributos entre os quais se encontram as emissões de gases do efeito estufa, presença de áreas verdes, competitividade energética, bem como a percepção de seus habitantes sobre se se está ou não tomando medidas ambientais para preservar a cidade. Neste indicador, os primeiros lugares na América Latina ficaram com duas cidades brasileiras: Recife e Curitiba. Esta última é a cidade da América Latina com a maior superfície de áreas verdes por habitante de toda América Latina: tem 52 m2/habitante, enquanto o padrão recomendado pela Organização Mundial da Saúde é de 10 m2/habitante.

Em terceiro lugar dentro do indicador ambiental está Miami, cidade norteamericana que, para efeito deste ranking consideramos latinoamericana por ser uma base importante para muitas empresas que fazem negócios na região, e que é reconhecida em diferentes estudos como uma das cidades mais limpas dos Estados Unidos. Trata-se de uma condição que seu prefeito Manny Díaz quer aprofundar através do "Energy Smart Miami", um plano ambiental que busca gerar novos empregos e fomentar o uso de energias renováveis. O plano consiste em usar fundos federais do programa de estímulo econômico para avançar com um investimento de US$ 200 milhões em tecnologias de sistema elétrico inteligente (smart grid) e energia renovável durante os próximos dois anos. Desta forma, ele ajudará os consumidores a economizarem dinheiro e gerará empregos "verdes" através de sua implementação.

Não obstante, nas grandes cidades latinoamericanas, as iniciativas ambientais levadas a cabo se originam principalmente a partir das demandas da sociedade civil, mais que por uma gestão urbana proativa. Esse é o caso, por exemplo, do movimento "Nossa São Paulo", que conseguiu excluir a Petrobras do Índice de Sustentabilidade Ambiental (ISA) da Bovespa por não cumprir com uma norma de índice de enxofre nos combustíveis de acordo ao critério imposto pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama).

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

De fato, a pesquisa realizada por AméricaEconomia Intelligence entre executivos que faz parte deste estudo mostrou uma mudança na percepção de problemas. Aos executivos parece mais problemática a poluição, somada aos engarrafamentos, que os problemas de insegurança e violência que em anos anteriores figuravam como os principais problemas urbanos identificados por eles. O fato é que, em temas de gestão ambiental, ainda estamos engatinhando.

Capital Financeira

Mas este ranking de competitividade das cidades não mede apenas nossos centros urbanos do ponto de vista ambiental. De fato, a decisão de uma empresa sobre onde localizar um investimento é geralmente inspirada em um complexo emaranhado de atributos, critérios e emoções. Às vezes, para uma empresa, é tão importante a relação qualidade / custo de vida de uma cidade, a oferta de telecomunicações, e seu acesso a portos quanto a nacionalidade do gerente que deve tomar a decisão.

O ranking das Melhores Cidades para Fazer Negócios, cuja síntese está na página 23, é desenvolvido a partir da coleta de informações de 60 grandes cidades da América Latina e sua organização a partir das principais dimensões que uma empresa considera ao escolher uma cidade. Essas dimensões são: tamanho e dinamismo econômico da cidade, qualidade do capital humano, qualidade dos serviços corporativos, serviços pessoais, conectividade física, poder de marca da cidade, bem como o já mencionado indicador de sustentabilidade. Estas dimensões são ingressadas em um modelo matemático cujo resultado é o Índice de Competitividade Urbana (Icur).

São Paulo, a gigante financeira da região, mantém o primeiro lugar deste ranking. Pese o caos urbano e os engarrafamentos que minam a paciência de motoristas e pedestres, a capital paulista apresenta vantagens em relação ao restante das cidades. Sua estrutura de serviços corporativos cresce, bem como seu dinamismo econômico. A capital paulista leva a frente na corrida por atrair sedes de multinacionais para a região, uma vez que prova com medidas inovadoras, como a eliminação de publicidade nas ruas.

Em segundo lugar está Santiago, a ordenada capital chilena, que perdeu parte das vantagens que lhe garantiram o primeiro lugar na edição passada do ranking. Ainda assim, companhias multinacionais como a Tata Consultancy Services ainda a preferem para instalar sua base regional.

Em terceiro lugar está Miami. Apesar de registrar amplas vantagens em muitos dos indicadores observados, a cidade do sul da Flórida registrou queda devido ao forte impacto da crise financeira em seu dinamismo econômico e na solidez de seu sistema financeiro. E em quarto, mantendo a posição do ano anterior, está a Cidade do México.

Se nesses primeiros lugares o que se vê é uma dança de cadeiras mais ou menos prevista, a partir da quinta posição, até a 25a, a disputa fica mais interessante. Empates quase técnicos ou margens de diferença que não superam o centésimo, tornando a análise mais saborosa. O que indica que qualquer iniciativa que se desenvolva nos próximos anos marcará a diferença e poderá definir a colocação dos países no seleto top 10. É o que demonstram Bogotá e Lima, na medida em que continuam brigando palmo a palmo. Entretanto, a maior surpresa está mais ao Sul: Montevidéu ganhou 11 posições graças a um excelente dinamismo econômico e à melhora de seus serviços corporativos, graças ao forte aumento da penetração dos serviços de telecomunicações.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

Já as cidades mexicanas estão em baixa, devido ao forte impacto da crise econômica gerada nos EUA e ao crescimento da violência. Apesar de terem se tornado mais baratas com a desvalorização da moeda mexicana, aumentaram as taxas de homicídio e a percepção de insegurança, que as castigaram especialmente na dimensão dos serviços pessoais.

A inclusão de novas cidades no ranking também é a responsável pelas principais quedas evidenciadas na tabela geral, como a das cidades argentinas de Rosário e Mendoza, afetadas negativamente ainda pelo mau resultado dos indicadores macro do país, principalmente no último ano.

DO cinza ao verde. **America Economia**, jun. 2009. Disponível em: <http://www.americaeconomia.com.br>. Acesso em 4 jun. 2009.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais